

A RAZÃO

Director e Editor: Dr. David de Oliveira

SEMENARIO REPUBLICANO

N.º 13 DO 2.º ANO

Redacção e Administração: R. do FRANCISCO AGRA, 8

Guimarães, 18 de Abril de 1924

Composição e impressão: RUA DE GIL VICENTE, 34
MINERVA RIBEIRO. — Guimarães

SIMBOLOS

Cristo é ainda um simbolo em que se condensaram todos os anseios da humanidade sofredora.

Expostos numa cruz sobre o Calvário ou acorrentados aos picos brumosos do Caucaso, traduzem sempre a mesma aspiração de aperfeiçoamento, a mesma sede de justiça.

Filhos da dor e como ela eternos, são eles hoje o que ontem foram, existem hoje como existiram sempre. São eles que criam Buddha e Mithra, Prometheu e Cristo, como deles nascem as modernas teorias tendentes á dignificação e emancipação humanas.

Desde que Pandora trouxe ao homem a *fel da vida* não mais este deixou de procurar o talismán libertador e enquanto julga não o poder encontrar na terra, em si próprio, busca-o além, entre os deuses que criou e de que esqueceu a origem. Depois, muito depois, vê, reconhece que só em si está o mal; que a dor que o punge e o crucifica e acorrenta é obra sua e que só de si depende — e nunca dos deuses — suavisa-la e vencê-la.

DORIO.

Delegado do Governo

Estando em gôso de licença o Delegado do Governo deste concelho, assumiu interinamente este cargo o nosso querido amigo e digno Secretário da Administração do Concelho, Ex.º Sr. José Fernandes Ribeiro Gomes.

Republicano de uma só fé, esperamos que, da sua passagem pela Administração do Concelho, alguma coisa de aproveitável faça em favor da cidade e bem assim uma obra verdadeiramente republicana.

«A Razão» cumprimenta e felicita S. Ex.ª

SOMA E SEGUE

Num dos ultimos numeros de «A Razão» e sob o titulo de «Cortes», foi publicado um artigo em que se dizia que era necessário cortar todos os excessos, viessem eles donde viessem, do funcionalismo, da industria ou do commercio. Isto em ultima analise.

Pois bem. Os factos estão em nosso auxilio, mais factos a juntar aos muitos já de todos conhecidos.

Durante uma das ultimas sessões da Camara dos Deputados, foi pedida a atenção do sr. Ministro das Finanças para os casos seguintes: a Fabrica de Louça de Sacavem, com um capital de mil contos, tirou o *reles* lucro de 622 contos, e uma fabrica de laúficios do Porto, com o capital de 360 contos, *abotou-se* com um lucro, uma miseria, de 809 contos.

Não sei se os leitores são socios de tão *secundas* fabricas. E' de supôr que não. E por isso berremos todos em côro: Mas isto é uma sucia de... roubados, de... vigarisados! Que o governo acuda a isto e corte nestes excessos, nestas fabricas de... explorados. E' preciso proteger a industria nacional, que vai á vela!

Em pleno Rocio foi preso o «Olho Vivo», quando se preparava para meter as mãos no bolso de um provinciano. Bem feito.

P. P.

Orfeon de Guimarães

No passado domingo realizou um sarau de arte, no Teatro-Cinema de Fafe, este esplendido grupo coral, sob a sábia regencia do illustre maestro, sr. Ribeiro Dantas.

Foi um verdadeiro triunfo para Guimarães. A população de Fafe soube apreciar bem os recursos do nosso Orfeon, aplaudindo e bisando alguns dos numeros cantados.

Cumpra prestar homenagem á gentileza do proprietário do Teatro-Cinema, sr. dr. José Sumavielle Soares, pela oferta da casa. Aos rapazes do Orfeon um abraço e, oxalá, ganhem mais amor pelo canto para continuarem a honrar a nossa terra.

Quadras soltas

POR

Heitor de Almeida

Da noite dos teus cabelos
E' o teu rosto o luar.
São estrelas os teus olhos,
Serenatas teu falar...

Qu'ria enlugar o meu pranto,
Mas deixa nódoas tannas! —
Oh! noite dá-me te' manto
Do mais sombrio que tenhas.

«O amor é um mata-tempo»!...
—Mas que dizer tão ratão!
Deem lá tempo ao tempo,
Veremos quem morre ontão.

A gente se chora sofre...
—Mas, quanta gente a cantar
Sente mais dôr que quem chora
Só por não poder chorar!?

ECOS

Uma conferência

Um nosso colega, que muito prezamos, não levou a bem que houvesse em Guimarães quem negasse elogios á conferência realizada na benemerita S. M. Sarmiento por um professor da Universidade do Porto. Não é caso para tanto. Sem se nos sábios nem termos tais *protenções*, também não gostamos, por muito mais esperarmos do talento de sua excelencia. Talvez por infelicidade do autor, a conferência redundou em inagração. Mas isto nada põe, é de eror, contra os méritos do erudito professor, que, decerto, não exigirá que só sábios se pronunciam sobre o seu trabalho.

—

Cães danados

Raro é o dia em que se não registem desgraças causadas pelos cães raivosos. Contudo, as ruas da cidade são constantemente percorridas pela canzonada, sem que se vejam medidas que protejam os habitantes. A quem compete pedimos providencias, que neste caso terão duplas consequencias: higienicas e sanitárias. Deixar correr as coisas como tem corrido é crime imperdoavel.

—

Não façam a outrem...

Consta-nos que alguns industriais já pensam em encerrar as suas fabricas e retirar para a rua os seus operarios, entregando-os... no Deus dará e nos baldões da sorte.

Isto é catolicismo do mais «prático», é o verdadeiro humanitarismo.

Alguéiras cheias, rua seus cães que não sorvem para nada.

Sugado o sangue, a miseria que llo trague os ossos.

Puritanos, crentes e tementes a Deus, pegando em paliós e estandartes religiosos, eis como eles estropiam a moral da sua religião que afinal de contas não é mais do que a religião dos seus bolsos:

«Não façam a outrem o que não que- res que te façam.»

—

Isto vai

Não é preciso ser profeta para vaticinar que dentro em pouco os velhos sistemas politicos terão desaparecido. Uma a uma, lá vão ruindo corôus e prerrogativas, sem que a sustentá-las valha o velho direito em que se e coravam.

Agora é a Grécia que proclama a Republica pela grande maioria dos seus habitantes, ainda há bem pouco tempo juguete dos caprichos do reis, que punham as suas simpatias acima dos interesses da nação. Que dirão as carpadeiras?

—

Bôa medida

Como tinha prometido, a vereação acabou com aquêle entro da Cadeia nova. Foi uma acertada medida essa, que deu rombo ás ladrocinhas constantes de que eram vítimas os vizinhos do entro.

—

R. P.

Ha dias, passando pela residencia do S. Rev.º, o sr. Arcebispo de Braga, viam ali um automovel com as letras R. P.

Que quererá isto dizer?
Não se assustem os «práticos», pois R. P. é a marca do automovel.
Julgavos já que o carro tinha sido oferecido pelo Estado!...

Jesus

A igreja cristã comemora nesta semana a morte de Jesus, o doce iluminado da Galileia que sobre a crápula e a dissolução do seu tempo construiu o gigantesco edificio do cristianismo.

Mil e novecentos anos são passados, sobre essa tarde triste, em que no alto do Calvário a maldade e a perversidade humanas, o odio e a inveja assassinaram o filosofo inocente, o evangelista simples, o reformador ingenuo, e essa figura sublime que por amor dos homens morreu, ainda hoje para sobre nós a ensinar o amor aos homens.

Nascido de humildes e vivendo humilde entre os humildes, pregou um idealismo mais puro que o de Platão e proclamou principios mais belos que os de Socrates. Tremeram os sacerdotes nos seus templos transformados em lojas de mercadore: sobressaltaram-se os grandes nas suas riquezas deante do Justo que ensinava que só na pobreza existia a perfeição; mas sorriram os escravos na dureza dos seus grilhões; os desgraçados na grandeza do seu infortunio, os oprimidos na tristeza do seu martirio, porque da palavra inflamada do Iluminado saía a esperança e a promessa da redenção.

Jesus foi o maior apostolo do amor, do amor que ensina a perdoar, do amor que criou a caridade.

Jesus foi o filosofo da divindade, soberano da intelligencia, ensinando a crê em Deus, que só Deus era grande e que só de Deus vinha a perfeição.

Tinha no mais alto grau essas três virtudes fundamentais, a Fé que de Dante e de Camões fez os maiores poetas, a Esperança que fez do Gama e do Cabral os maiores navegadores e a Caridade que fez imortais e santos Francisco d'Assis e D. Bosco.

Toda a filosofia, toda a doutrina, todo o ensinamento de Jesus se podem reduzir em duas palavras: Amor e Perdão. Da corteza Magdala fez uma Santa, dos seus discipulos, pobres pescadores ignaros e incultos, fez servos do seu ideal, mártires da sua doutrina,

na, continuadores imperterritos da sua obra.

A sua vida de humilde e de pobre passou-a a amar as creanças e os homens.

Quando lhe apresentaram a adúltera perguntou aos acusadores se não tinham pecados.

Preso por aqueles a quem a sua doutrina causticava os vícios e as misérias, limitou-se a resignar-se, e já na cruz, onde a sua vida de abnegações e exemplos terminou, ainda teve essa palavra que ficou imortal: Perdoai-lhes Pai porque não sabem o que fazem.

E desanove seculos depois Jesus vive ainda nos corações dos bons e dos humildes, domina ainda a sua sublime humildade, a beleza imortal do seu espirito continua a fascinar os proselitistas das ideias novas, e a sua doutrina, apesar das modificações que os homens lhe tem introduzido ao sabor das suas ambições é ainda a mais bela — a mais pura.

EMILIO.

AZAS DE PORTUGAL

Sulcando o azul imenso, rumo ao Oriente, vai uma nova Nau de Portugal.

Azas brancas, corpo frágil e leve, vai mostrando ao mundo esquecido a Cruz das Caravelas que primeiro fenderam o Mar Tenebroso, dobraram o Cabo das Tormentas, chegaram ás Indias e ás Américas, atingiram a China e o Japão; a mesma Cruz gloriosa que passou todos os mares e se firmou em todos os continentes; a Cruz de Portugal, feita de sangue e de lágrimas — mas bendita Cruz que foi e será sempre a afirmação solene da vitalidade dum Povo, da fé imensa no seu destino e da sua imorredoiira glória. Percorridos todos os mares e devassadas todas as terras, que restava á alma lusitana? O espaço infinito, o azul sem limites.

E os seus marinheiros e soldados criaram Azas, transformaram-se em Aguias, lançaram-se nos ares.

Gago Coutinho e Sacadura Cabral, marinheiros, num vôo altaneiro e sem precedentes, rasgaram o céu, teceram uma nova estrada, que também é um novo laço, entre Portugal e o Brazil.

Brito Pais e Sarmiento Beires, soldados, vão a caminho da nossa distante colônia de Macau.

São aquelas mesmas almas moças que, numa cavalgada louca e heroica, iam encontrando a morte quando do *raid* Lisboa-Madeira.

Mas as Azas feridas ergueram-se de novo, fortes e serenas, e lá vão a caminho da Glória.

Vencerão. Sinto-o na minha alma bem portuguesa, sento-o a alma dum Povo inteiro que, cheio de fé e vontade firme de vencer, segue a esteira luminosa daquelas brancas Azas.

E ouvindo o rufar do motor da Nau branca, a Cruz rubra nas velas, os povos da Africa e da Asia espreitarão o céu. Quem passa? — Portugal!

Karl.

PROPAGANDA JESUÍTICA

Amamos a Liberdade como os que mais a amam. Por ela venderíamos o nosso sangue, sacrificariamos o presente e o futuro, sem alendermos a nenhuma espécie de contrariedade ainda que, vítimas dela, houvessemos de sofrer o martírio máximo—a delapidação dos nossos haveres e do bem-estar da nossa família, a quem queremos tanto como ao Sol, que espalha a vida com o seu calor e luz que são insubstituíveis.

E, porque assim é, nós temos pela liberdade alicia o respeito que exigimos se tenha pela nossa.

Mas ha que dis'inguir.

Liberdade não póde ser licença. Liberdade não pode ser um ataque cerrado, solístico, jesuítico, ao modo de ver, ao modo de pensar dos outros.

Muito menos póde ser um horripilante trabalho de sapa, cujos operários, hipocritamente, sem o desassombro que sempre guia os bem intencionados, vão tentando minar, lento e lento, os alicerces do regimen politico que um supremo arranjo da consciencia colectiva do país implantou em Outubro de 1910.

Apregoo-se, com entorço já mais observado, que a Republica tentava estrangular a igreja catolica. Fez-se da atorda, do norte ao sul do país, uma intensa propaganda, usando-se para isso de todos os meios, ainda os mais grosseiros e irrisórios, quer nos templos, onde suavemente se infiltram inexactidões de tanta natureza, quer na cidade imprensa que secunda, negregadamente, o grito insolente dos mal avindos com a fórmula democrática.

E quando mercê de misteriosas e insondáveis arimanhas diplomaticas, se tenta um apaziguamento que muitos reputam plausível, acritavel, eis que de todos os lados, aos cardumes, surgem católicos de varios matizes: uns mais ou menos obediêntes ás determinações dos emunados seus superiores espirituais, submetendo-se ao novíssimo *mot d'ordre* e fazem cor com estes; outros, bandeando-se com monarchicos estúpidos e ferrenhos, esquecem o seu credo, — se é que eles algum dia foram católicos sinceros. — revoltam-se contra as indicações vindas do alto e mantem-se fieis, mais á creença politica do que á religiosa.

E' uma confusão deletéria visando um unico fim: derrubar aos poucos o existente, valendo-se para tanto de habilidades saloias que não escapam a quem

esteja um tudo-nada provido de perspicacia.

Demonstrado é, á evidencia, que tal licenciosidade em que colaboram, mau grado nosso, individuos que se condecoram de republicanos, carece de um dique, um forte travão que faça regressar á sua natural e composta quem deli se afastou com intuitos superabundantemente criminosos.

Nos ultimos tempos essa propaganda carateisadamente jesuítica e monarchica, tem constituído um acontecimento notavel. Discursa-se á farta, dentro e fora dos templos, anunciam-se conferencias com temas que são depois vilmente traídos, sem respeito por creenças adversas e muito menos pelos fins para que certas instituições foram fundadas, nas quais, contudo, se acolhe, sem escrupulos, toda a espécie de propagandas, e caminha se assim, num di-farce maquiavelico, para o passado para a noite lugubre da decadência mental.

Do lado oposto, como insinuamos, montem-se uma colação passiva, que em tal caso, se demuda em colaboração activa, pois quem cada consente e consentir é apoiar — e apoiar o quê? — A obra nefanda de muitos hipócritas que imaginam amar Deus levando uma vida profundamente crapulosa mas pretendendo, com exhibições fallhas de verdade, de sentimentos de humanidade, de brio, de dignidade, de solidariedade colectiva, fazer-se passar por criaturas na plena posse de excelsos predicados, dotadas de character impoluto e do mais fino quilate.

E' sempre nobre a luta por um ideal quando nela se entra de frente erguida e em termos que cabam dentro das normas da lidade. Porém se, contra-riamente, se combate, como referimos, á maneira do jesuita, que espreita a vítima para a estrangular num momento de descuido, não vá ella, adivinhando o ataque, inutilizar os desejos do assaltante, a nossa revolta sobe de ponto e é tal que todo o nosso ser vibra de indignação e se apresta para uma revindita capaz de marcar, por forma notavel, o termo da refrega.

Assim pensa quem ama de todo o coração a Liberdade e observa com imensa mágnã a louca propaganda jesuítica que se vem fazendo nos ultimos tempos, com o fim á vista de ferir o regimen que ninguem — aí que ninguem? — apesar de tudo, será capaz de afundar.

EGO.

indicação superior pode levar a essa conclusão. Pelo contrario, sendo recomendadas conferencias explicando e enaltecendo aos alunos o esforço da raça, é claro que só se pode cumprir essa recomendação na aula, o professor em frente dos alunos.

— Foi recomendado ás Juntas Escolares que processem em folha especial o vencimento dos professores interinos relativo ao mês de D. zenbro que foi suprimido na folha de Janeiro.

— Está em pagamento o vencimento do mês de Novembro, cujo pagamento havia sido suspenso. Podem, por isso, recebê-lo.

Reuniu no dia 16 do mês corrente o professorado do concelho de Guimarães, a fim de apreciar e aprovar as contas do Núcleo Escolar, e eleger a nova Direcção.

Aprovadas as contas, foi eleita a Direcção que deve servir até ao fim deste ano civil, composta dos seguintes professores rurais votados: Para a Direcção:

Augusto Montes Guimarães — Presidente; D. Luisa Guedes da Fonseca Miranda — Tesoureira; Antonio Ferreira Alves Soares — Secretário; D. Aida Teixeira Nunes de Souza e Aurélio da Silva Mendes — Vogais.

Para o Conselho Fiscal: Manuel José Pereira, José Teixeira de Maria e D. Beatriz de Jesus Pires da Veiga.

Cada associado ficou na obrigação de pagar, segundo a deliberação dos Congressos e instruções da União Central, a cota mensal de 200\$ e a anual de 100\$, para a casa do professor e fundo de reserva.

Foi deliberado enviar-se um telegrama de agradecimento ao Deputado Bartolomeu Severino pela sua digna atitude no Parlamento, verberando o desleixo havido no pagamento dos vencimentos ao professorado primário. Só há dias foi aqui recebido o ordinado do mês de Fevereiro. E os professores interinos recebem apenas os meses de Novembro e Janeiro.

E igualmente resolveu telegrafar-se ao Chefe da 10.ª Repartição da Contabilidade pedindo o pagamento do mês de Março.

A nova Direcção terá a sua 1.ª sessão no dia 1 de Maio, primeira quinta-feira depois de férias.

Condecoração

da Bandeira de Infantaria 20

No esplendido Salão da Câmara Municipal de Fafe, realison-se no dia 11 do corrente, uma reunião das mais importantes individualidades daquele concelho. Presidia o Sr. Coronel Julio José Laxe, illustre Comandante de Infantaria 20, secretariado pelos Srs. Dr. Artur Vieira de Castro, presidente da Câmara Municipal e Heitor da Silva Campos, gerente do Banco de Portugal em Guimarães.

Expostos pelo Sr. Presidente os fins da reunião, quais eram os da angariação de donativos para a festa da condecoração da bandeira de Infantaria 20, ficou composta uma comissão proposta pelos Srs. Dr. Florencio Monteiro, Dr. Maximino de Matos e Heitor Campos, da qual ficaram fazendo parte os Srs. Major Miguel Ferreira, Dr. Artur Vieira de Castro, Dr. Florencio Monteiro, Dr. Maximino de Matos, Tenentes Gervasio de Campos e Campos de Carvalho, Arcipreste e representantes dos Bombeiros e professorado.

Todos estes senhores prometeram dirigir o maximo do seu esforço no sentido de que sejam excelentes os resultados do seu valioso trabalho.

Certos estamos de que Fafe, terra que a si tudo deve, tão cavalheiresca como bela, saberá honrar as suas tradicionais qualidades de gentifeza.

Consta-nos que já partiu um Delegado para Lisboa a fim de convidar S. Ex.ª o sr. Presidente da Republica a vir a esta cidade no proximo mez de Maio e bem assim, o Ill.º Sr. Ministro da Guerra.

Sociedade M. Sarmiento

Exposição de tapeçarias artísticas da Ponte da Pedra

Inaugurou-se no sábado passado, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmiento, a exposição de tapeçarias artísticas da Ponte da Pedra, tendo sido o dia da inauguração destinado á Imprensa e Convidados.

O expositor, artista consciante, sr. Julio de Pina, decerto ficará satisfeito com o acolhimento dispensado pelos vimaranenses, tanto mais que a sua arte de ha muito está consagrada, o que honra de sobremaneira a Nação Portuguesa.

AGENCIA DA Caixa G. dos Depósitos

Comunica-nos o seu Chefe que está habilitada a comprar pelos melhores preços cambiais, titulos representativos e cõpõs de moeda estrangeira incluindo os da divida externa portuguesa e seus cõpõs, assim como notas e moedas estrangeiras.

Notas intimas

— Para Viseu partiu o nosso amigo Tenente Sampaio que foi colocado no quadro do Estado Maior da divisão com sede naquela cidade.

— Tem estado bastante enferma a mãe do nosso querido amigo, sr. José Fernandes Ribeiro Gomes, Dig.º Secretario da Administração do Concelho exercendo o cargo de Delegado interino do Governo da Republica, nesta cidade.

— Do Porto, onde estiveram em tratamento, regressaram o nosso presado colaborador, Tenente Carlos Coelho, sua esposa e filha.

— Esteve tambem naquela cidade, o nosso querido colaborador, Tenente Gervasio Campos de Carvalho.

R. DE GIL VICENTE

MINERVA RIBEIRO

GUIMARÃES.

Carta de Famliação

O «9 DE ABRIL»

Foram devêras imponentes as homenagens prestadas aos Mortos da Guerra.

Às 10 horas chegou á estação desta vila, vindo em carruagem saão, atrelada ao comboio correio, o nosso illustre conterraneo e Ministro do Comercio Dr. Nuno Simões, sendo aguardado

“A RAZÃO,”

Ex.º Sr.

por todo o elemento official. Associações com seus estandartes, alunos das escolas com seus professores e muito povo, que entusiasmado, ao som do bino nacional e do estralejar da dinamite, aclamou sua Ex.ª e a Republica, sendo-lhe nesta ocasião offerecido pelos alunos da E. P. S. um lindo ramo de flores naturais, que sua Ex.ª de poz junto do Monumento.

Pelas quatorze horas teve lugar no salão nobre do edificio dos Paços do Concelho a sessão solene, a qual presidiu o illustre Ministro do Comercio, tendo a secretaria-lo os snrs. Coronel Alcino Machado e Dr. Carlos Bacelar, presidente da Câmara Municipal o qual num belo discurso de boas vindas a sua Ex.ª agradeceu ao mesmo tempo a sua presença em vir assistir a esta tão simpatica como comovedora festa.

Seguiu-se no uso da palavra o Ex.º Desembargador da Relação nosso considerado conterraneo, que recitou ver os seus enaltecedores da Raça.

Seguiu-se o respeitavel cavalheiro sr. José de Azevedo e Menezes que produziu uma oração muito erudita e atrante que mereceu uma quente oração. O sr. Dr. Delim de Carvalho Souza Fernandes, antigo senador e professor; Antonio José Nogueira, salientaram as virtudes do amor da Pátria, constituindo o discurso do ultimo uma bela lição de civismo aos pequenos alunos das escolas, avises para os preceções da vida e a forma de apreenderem a evitar-lhe os escolhos e apresentarem-se para ser bons cidadãos e bons servidores da Pátria. Fechou com chave de ouro a serie de discursos o inteligente e digno sacerdote Padre Manoel Ferreira, illustrado Abade da Carreira, que de uma forma original, produziu uma conferencia soberba, bela lição patriótica, na qual descreveu o espirito de sacrificio do nosso soldado, o espirito siúples da nossa gente do campo, mas que, chamado a defender a Pátria, eis se transforma em leão indomavel, capaz de todos os heroismos, em frente do inimizo.

Finda a sessão solene organizou-se o cortejo em direcção ao Monumento dos Mortos da Grande Guerra, no qual se incorporou todo o elemento official, contingentes de infantaria 20 e 8 este com a respectiva banda, e Guarda Republicana, Associações de Classe com seus estandartes, Bombeiros Voluntários, creanças das escolas etc., onde junto ao Monumento falou o Presidente da Câmara sr. Dr. João Machado da Silva, que fez uma entusiasmica oração enaltecedora da Pátria e do que para engrandecê-la é necessario fazer.

Em nome dos Padrões da Grande Guerra discursou o capitão de Infantaria n.º 8 sr. Graciliano Marques, seguindo-se-lhe no uso da palavra o major sr. Filipe de Souza que esteve em França e defendeu a nossa comparticipação na Guerra. Por ultimo discursou o Ill.º Ministro do Comercio, Dr. Nuno Simões, que, em palavras simples e claras, fez o elogio do soldado português, ostrando o seu sacrificio e a sua abnegação, prometendo, em nome do Governo da Republica, respeitar a memória dos Mortos proporcionando aos vivos melhores dias.

C.

Será possível?!

→ Que Guimarães continua a dar um bom contingente de pessoas para a cura anti-rábica? Que providencias se tem tomado?

→ Que o pão, tipo «bica» tenha quasi desaparecido do mercado devido só a um consumidor?

→ Que os Teatros continuem ainda a funcionar sem os piquetes de Bombeiros?!

→ Que os zeladores da Câmara tivessem desaparecido da circulação?

→ Que os monarchico-catolicos digam ser o sr. Arcebispo a causa das grandes chuvas?!

Parvos, que são!

Lêde e propagai

“A RAZÃO,”

Semanário republicano.

Instrução Primária

Movimento official

Comunicou á Inspeção Escolar o digno professor da freguesia de Vilacova, concelho de Fafe, sr. Francisco Duarte Azevedo, que se acham matriculadas na sua escola todas as crianças recenseadas de ambos os sexos, com excepção de três meninas que recebem ensino doméstico. Aquêl professor mostra-se satisfeittissimo com o exito obtido e entusiasmado com a doutrina do Decreto n.º 9.223, fazendo votos pela sua conservação tal qual está. Fácilmente se concluiu que tal resultado só se conseguiu por meio de reitardas instâncias junto dos chefes de família, convencendo-os da necessidade e conveniência de matricularem seus filhos na escola. Eis um exemplo digno de ser imitado.

— O 9 de Abril não é feriado como alguns professores julgam. Nenhuma disposição legal ou